

Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas

Natália Ribeiro Fiche

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Professora Assistente do Departamento de Interpretação - UNIRIO

Mestre em Artes Cênicas – UNIRIO

Resumo: Esse trabalho apresenta o resultado da pesquisa Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas que visou o resgate da historicidade do Projeto de Extensão Teatro na Prisão – uma experiência pedagógica para a construção do sujeito em direção à cidadania, iniciado em 1997. Como caminho percorrido, selecionei e entrevistei sete alunos de graduação da Escola de Teatro do CLA da UNIRIO, participantes do projeto nos seus primeiros 10 anos no Complexo Penitenciário Frei Caneca: Penitenciária Lemos Brito, Presídio Nelson Hungria e Casa de Custódia Romero Neto. É um relato que pensa sobre as possibilidades de amadurecimento da consciência social e pedagógica dos alunos-atores do projeto, enquanto sujeitos-cidadãos e a perspectiva dessa prática continuada se revelar como um novo campo de atuação profissional para artistas/educadores.

Palavras-chave: teatro – prisão – história - educação

Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas visou ao resgate da historicidade do Projeto de Extensão Teatro na Prisão – uma experiência pedagógica para a construção do sujeito em direção à cidadania, iniciado em 1997.¹ Como caminho percorrido, selecionei e entrevistei sete alunos² de graduação da Escola de Teatro do CLA da UNIRIO, participantes do projeto nos seus primeiros 10 anos no Complexo Penitenciário Frei Caneca: Penitenciária Lemos Brito, Presídio Nelson Hungria e Casa de Custódia Romero Neto.

Este texto é um relato que pensa sobre as possibilidades de amadurecimento da consciência social e pedagógica dos alunos-atores do projeto, enquanto sujeitos-cidadãos e a perspectiva dessa prática continuada se revelar como um novo campo de atuação profissional para artistas/educadores, e também sobre a trajetória desses alunos que participaram do Projeto, as suas dificuldades e as suas descobertas. Em que medida, ao olhar para os percursos individuais e coletivos, no contexto do Teatro na Prisão, podemos perceber perspectivas para o futuro em termos de campo de trabalho para o teatro na comunidade e especificamente no ensino de teatro.

¹ Projeto de Extensão iniciado em julho de 1997, após a oficina de duas semanas sobre o teatro na prisão com Professor Paul Heritage da Universidade de Londres, a convite do PPGAC, e da Direção da Escola de Teatro. A equipe de docentes e discentes que participou dessa oficina, decidiu pela criação do projeto, no contexto das atividades de Extensão do Departamento de Interpretação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A coordenação ficou a cargo das docentes Maria de Lourdes Naylor Rocha e Natalia Ribeiro Fiche.

² Ana Paula Lopes, Bruno Rodrigues de Souza, Fernando Neder, Helena de Castro Vieira, Jacirene Lopes de Souza, Janaína Russeff e Wagner Pinheiro.

Faremos aqui uma reflexão dos impactos do trabalho na vida e na formação desses profissionais, artistas e ex-alunos egressos da Escola de Teatro. Como é trabalhar num espaço com “regras estritas de vigilância e segurança no convívio com os presos e suas demandas” (ROCHA, 2006: 09) no universo prisional. Ao observar, nos relatos dos alunos entrevistados, que influência teve esse trabalho nas suas vidas, todos respondem que descobriram a potência do teatro participando do projeto Teatro na Prisão.

“(…) a transitoriedade estruturante da própria vida é vivida, enfrentada, criando raízes novas, dando lugar à construção do sujeito num processo de desconstrução e construção em que o mundo interno do ser humano passa a encontrar vias, caminhos para ser externalizado, revelando-se naquilo que possui de essencial, de humano”.³ (ROCHA, 2006: 05)

Essa transitoriedade estruturante ocorre nos alunos atores e também nos detentos. No exercício da linguagem teatral, em que todos, sem exceção, estão envolvidos na ação dramática, uns observando e outros atuando, o homem passa a encontrar caminhos de expressão revelando seus afetos e conseqüentemente o que possui de humano.

Trabalhar com presos significa confrontar-se com a realidade prisional. Esse confronto faz com que a equipe entre em contato com seus sentimentos sobre aquele universo e possibilita reaver os seus próprios valores como a coragem, o trabalho, a superação, a persistência, justiça etc. Ao lidar com pessoas que cometeram crimes e ao superar os preconceitos, respeitando-os, enxergando suas qualidades e seus defeitos revigoram o ser humano. Portanto, trabalha-se simultaneamente a cidadania do detento e a do aluno.⁴

Os alunos-atores podem verificar na prática teatral, na experiência, a força libertadora do teatro. Os detentos, obrigados a passar anos dentro de um mesmo espaço, têm a possibilidade de se transportarem para outros locais através das improvisações e encenações. O teatro na prisão, muitas vezes, mostra a força política, quando trabalha com temas como violência, injustiça, morte e revela como os detentos e os alunos enxergam, questionam e projetam o mundo. É o teatro cumprindo a possível função de conscientização e mobilização.⁵

³ ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. Teatro na Prisão: A Dramaturgia da Prisão em Cena. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, p.5. 2006.

⁴ “A gente estava ali com o melhor deles e isto tem que ser dito. Eram pessoas num esforço muito grande, pois na base do seu pensamento estava a consciência de que estavam tendo pessoas bacanas ali, trabalhando com eles. Então eles ‘tinham que devolver’ na mesma moeda. Devido a isto, o respeito era enorme.” Relato de Helena Vieira

⁵ “O Teatro na Prisão é capaz de integrar, socializar e transformar o indivíduo. Não somente no que diz respeito a ser um homem melhor, como vir a ser um cidadão melhor. É assim que eu me vejo hoje, um artista-cidadão. Eu pude aprender e crescer com eles”. Relato de Bruno Rodrigues de Souza

Acredito que dar aulas num universo opressor e de exclusão é desafiador para todos nós. É preciso elaborar jogos, exercícios que despertem a criatividade para o teatro, a confiança em si, no outro e, conseqüentemente, o sentimento de inclusão. A equipe deve confiar e apoiar uns aos outros para que juntos possam superar todas as dificuldades enfrentadas naquele lugar com tantos problemas.⁶

Ao chegar à prisão, o prisioneiro passa por vários processos de negação do sujeito: a perda da identidade com a troca de roupa pelo uniforme da instituição, controle dos seus pertences e principalmente a perda de projetos futuros. O propósito da vida desaparece com a ausência de projetos. Com a perda da identidade, o preso entra num processo de alienação.

O teatro, de alguma maneira, pode cumprir o papel de envolver o preso em um projeto, numa tentativa de afirmação de sua identidade e de valorização como sujeito histórico. O teatro, praticado como meio de aprendizado de uma linguagem e forma de expressão, pode desempenhar o papel de contribuir para a construção de sujeitos de decisão. Por meio de exercícios teatrais, o detento pode adquirir outra disciplina.

A questão da construção pedagógica aliada ao crescimento e amadurecimento humano e social do aluno-ator é importante. A linguagem teatral é constituída de elementos fundamentais para a construção do ser humano. É uma linguagem que trabalha com o indivíduo como um todo: corpo, voz, improvisações, atividades que, se bem realizadas, levam o indivíduo a pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. É uma linguagem que se dá no coletivo. É impossível fazê-la sozinho. O outro estará sempre presente num jogo de relação necessário a sua existência.

Um dos princípios utilizados nesse trabalho, desde o início, é de não ter como objetivo transformar ninguém e ter sempre consciência de que o crime cometido não é de nosso interesse. Ignorar a origem dos crimes cometidos é essencial para uma relação de não julgamento entre os alunos e os detentos. O único foco é fazer teatro.⁷

Nos trabalhos apresentados pelos alunos, e que resgato nas entrevistas, observo o uso de diversas metodologias ligadas à linguagem teatral; o Teatro do Oprimido formulado por Augusto Boal; a questão da quebra da quarta parede abordada no teatro de Brecht; a liberdade de criação nos processos de improvisação; a sensibilização por meio da música orgânica; as relações do corpo presente, estimuladas por meio da prática do

⁶ “A sensação que eu tinha numa sala de aula do Município era semelhante à que eu tinha quando estava no presídio, pelos hábitos e jeito de ser dos alunos. Eu levei totalmente a experiência da prisão para lá”. Relato de Janaína Russeff.

⁷ “Não saber qual o crime que eles haviam cometido tornava o nosso olhar mais fácil em relação a eles. Assim podíamos olhá-los como a qualquer outra pessoa, e não como criminosos.” Relato de Ana Paula Abreu.

contato-improvisação; e Ryngaert com seus quatro indutores e as quatro zonas de consciência.⁸

Ao longo de suas trajetórias como oficinairos, os alunos-atores, experimentam recriar metodologias necessárias diante das situações que se apresentam a cada nova circunstância, fortalecendo e elevando a capacidade como alunos educadores e artistas.⁹

Verifico que os alunos em geral consideram esse processo um trabalho de resistência¹⁰ e que a grande dificuldade para sua realização é a questão burocrática de movimentação na instituição prisional.

Na tentativa de analisar as respostas dadas pelos alunos às questões levantadas por mim, deparo-me com questões que revelam e ou definem a minha trajetória no projeto *Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica na construção do sujeito em direção à cidadania*, questões como: porque eu, ao longo desses treze anos, continuo na realização desse projeto como coordenadora?

Inicialmente, a primeira resposta que me ocorreu é que eu estaria propiciando à academia, e principalmente à Escola de Teatro, uma formação humana mais consistente ao alunado, abrindo possibilidades de pesquisa numa área anteriormente pouco atendida e, quem sabe, gerar um novo campo de trabalho que contribua para a construção de uma sociedade menos perversa.

A persistência e a continuidade devem-se ao fato de que, na prática, posso verificar a força do teatro como agente conscientizador de todos os envolvidos no projeto. Nesse processo, encontro meus limites e me humanizo criando novas possibilidades como educadora aprendiz.

Em suas respostas os alunos confirmam o grau de conscientização social, sujeito-cidadão, individual e coletivo adquirido nessa vivência no universo prisional. Trabalhar com seres humanos habitantes de uma realidade na qual o cotidiano é monótono e circular, controlados, reprimidos, monitorados por um poder tirânico, cínico, arcaico, sem perspectiva de evolução social, fez com que eles entrassem em contato com seus conceitos e valores éticos. Verifico, em suas práticas, a ação libertadora do teatro na vida dos detentos e em suas próprias vidas.

⁸ “Como elas sentem a capacidade de realizar com o corpo coisas que nunca antes haviam realizado: uma subir na outra, giros, pular, cair, dançar, cantar... como isso é uma condição para se sentirem mais sensíveis e aptas para encontrarem seus lugares na sociedade.” Relato de Fernando Neder.

⁹ “O Teatro na Prisão arraigou minha linha de pesquisa do teatro de Brecht, teatro sociológico, teatro político, de transformação, de resistência... Agora eu estou ‘in loco’, aplicando o conceito de um teatro em que eu acredito tanto... Do ponto de vista teatral, foi uma possibilidade de experimentação prática, de concretização, de fortalecimento desse pensamento. E do ponto de vista pessoal, essa coisa de você ver o outro lado.” Relato de Jacirene Lopes de Souza.

¹⁰ “Sei que é uma prisão e que eles fizeram alguma coisa para estar ali. Eles estabeleciam uma relação de troca comigo e de compartilhar saberes. Era um espaço de liberdade onde cada um falava o que pensava. Porque ali estávamos interessados em trabalhar a Arte.” Relato de Wagner Pinheiro.

O Teatro na Prisão numa relação não hierarquizante entre a academia e a comunidade carcerária reconhece o saber de todos em questão, estabelecendo processos de trocas de experiências, respeitando os limites de ambos os espaços. Na prisão, o teatro funciona como resistência. Resistir é um ato de liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Victor Hugo, LIGIERO, Zeca, TELLES, Narciso (Org.). *Teatro e dança como experiência comunitária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva S.A, 1996.

KEIL, Ivete e TIBURI, Márcia (Org). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

MARIA, Elenice (Org.). *Educação escolar entre as grades*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. Tradução: cássia Rachel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na Prisão: A Dramaturgia da Prisão em Cena*. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.